

# 1

## Introdução, ou como cheguei a meu objeto de estudo

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”(Le Goff, 1990, p. 477)

Minha tese de doutorado se insere no tema sobre espaços educativos não formais no âmbito das relações entre Memória e Identidade. Também, faz um entrelaçamento entre a Nova Museologia e um conjunto de pensadores que se situam na área dos Estudos Culturais<sup>1</sup>.

Nela procurei identificar e analisar a dimensão educativa do Museu da Maré através da construção e ressignificação da história e memórias locais e sua relação com o possível fortalecimento identitário de grupos sociais populares através de um museu comunitário.

Fazer a memória de minha caminhada profissional e existencial para chegar até aqui, não é fácil para mim. Como escrevi nos meus agradecimentos, fazer memória desse caminho é, no mínimo, desafiador!

Faço-me professora a cada dia (Freire, 1997) e cada vez mais! Porém, com 25 anos de magistério sem sair da sala de aula como professora de história, quer na Educação Básica, quer na graduação e por ter entrado no CAP/ UERJ ainda jovem, acabei tecendo minha rede profissional e acadêmica pela formação de professores onde até hoje estou trabalhando, lecionando e me fazendo professora!

Entre 2004 e 2008 fiz parte da equipe da direção do CAP/ UERJ e assumi a Coordenação da Iniciação Científica Júnior e a Coordenação Adjunta do NEPE (Núcleo de Pesquisa, Editoração e Extensão) do CAP. Reencontrei-me com a pesquisa na minha vida de professora. O trabalho mais de perto com os jovens do Ensino Médio do CAP nos Programas de Vocação Científica (PROVOC) da FIOCRUZ, CENPES/ PETROBRÁS e CBPF, além da própria UERJ, me fizeram enveredar por caminhos fora da escola. Acompanhei a seleção dos alunos nessas

---

1 Os Estudos Culturais podem ser definidos segundo Silva (2002) como: “O que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social.” (p. 134).

instituições, seus estágios e suas descobertas. É maravilhoso vê-los encontrar o prazer do conhecimento, da pesquisa científica, novos talentos e quem sabe vocações, muitas vezes, se revelam. Aí então, novas reflexões me acometeram naqueles quatro intensos anos: fora da escola, sem nota e sem obrigatoriedade de assiduidade para passar de ano, vários estudantes se dedicam de “corpo e alma”, com paixão (aquela que tantas vezes já não vemos em seus olhos nas salas de aula...) ao que estudam! Soma-se a isso, de forma similar, a reação positiva dos alunos aos passeios históricos e às excursões pedagógicas que já fazia com meus alunos das turmas do CAp, de outras escolas e da graduação. Mas, com a Iniciação Científica Júnior havia uma sistemática e constância de estudo/ estágio fora do ambiente escolar.

Assim sendo, volto-me para minhas indagações e me pergunto o quanto a escola não tem a aprender com esses espaços educativos não formais. Um dos meus campos de interesse e estudo era e ainda é o ensino de História, penso o quanto os museus e centros culturais, se fossem sistematicamente utilizados e visitados, não poderiam ser parceiros constantes da escola e tornar o ensino de História, dentre outros, mais vivo e eficaz. Por isso, comecei a me interessar e estudar a produção de saberes em espaços educativos não formais.

Nos últimos anos cresceram as pesquisas que analisam os processos de ensino em tais espaços não escolares na perspectiva dos estudos sobre transposição didática e/ ou recontextualização. Os “lugares de memória”<sup>2</sup>, como os museus, assim como outros espaços educativos não formais, são produtores de saberes próprios, produtos da experiência social e cultural, da memória, gerados em espaços que também educam, pois tem a intenção não só de guardar a memória, mas construí-la e transmiti-la, logo, ensinando, educando os visitantes e/ ou usuários.

Assim, chego eu aos museus, parte ainda genérica de meu objeto de estudo. Mas, logo se torna claro, que não me interessava o estudo dos museus clássicos, embora reconheça e saiba da importância e existência de tantos estudos sérios, competentes e consagrados nessa área. Mas, meu olhar estava voltado para a importância de se democratizar o acesso a esses “lugares de memória”, especialmente os museus e como se manifestava a dimensão educativa desses lugares.

---

2 A expressão “lugares de memória” foi cunhada por Pierre Nora, por isso, estamos usando-a entre aspas. Será por nós discutida no capítulo 3, item 3.2.

Sendo assim, me fascinava pensar que fora da escola também, havia parceiros incansáveis nessa luta de se democratizar o acesso à educação como um todo envolvendo com isso, as práticas culturais.

Ainda fazendo os créditos do doutorado pensava sobre o assunto, queria os espaços educativos não formais, dentre eles os “lugares de memória”, mas ainda não tinha um recorte mais preciso do meu objeto de estudo. Já havia escrito alguns pequenos artigos sobre o assunto e apresentado em Anais de Congressos de Educação e Ensino de História, mas percebi que ainda não havia conseguido aderir o suficiente a um estudo claro. E foi num encontro profissional com um querido colega professor de História, Paulo Rogério Silly, que tomei conhecimento da existência do Museu da Maré. Assim sendo, estava dada a sugestão do tema e a partir daí, uma fagulha foi posta e a enorme curiosidade para conhecer esta realidade tomou conta de mim.

Cada vez mais me decidia por estudar os museus comunitários, por apresentarem um viés que me parecia mais popular tanto de acesso pelo público, mas principalmente, na própria concepção mais democrática de museu (Chagas, 2008). Buscas acadêmicas, conversas com pessoas da área, busca por parceiros .... Enfim, chegou o momento de conhecer o Museu da Maré na *I Jornada Formação em Museologia Comunitária* em Santa Cruz/ RJ em outubro de 2009. Daí em diante foi encantamento, me fascinei por conhecer o projeto do Museu da Maré ligado ao já famoso CEASM<sup>3</sup>. Tal qual as crianças ao visitarem o Museu, me apaixonei pela palafita, pelas fotos, pela história de vida daqueles homens e mulheres que conquistaram não só a terra, mas tiveram que fazer o próprio chão<sup>4</sup>! A exposição museográfica, a disposição dos objetos, o barquinho, o São Pedro, as fotografias de época, tudo isso me emocionou!

Sendo assim, estava quase decidido que estudaria o Museu da Maré. Porém, conversas com minha orientadora, minha família e alguns amigos próximos me levam a uma única ponderação a respeito de focar no Museu da Maré, ou seja, fica localizado numa área “dita” violenta no Rio de Janeiro devido à disputa pelo

---

3 Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

4 Referência à dissertação de Antonio Carlos Pinto Vieira, um dos diretores do CEASM e Museu da Maré, intitulada *Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço na Maré*. Vieira (2008) em sua pesquisa historiciza e analisa a conquista da terra na região da Maré, desde os aterros nos alagados promovidos por seus moradores que tiveram que construir até mesmo o chão.

controle do tráfico de drogas e da polícia na região da Maré. Afinal de contas nem a UPP<sup>5</sup> tinha chegado lá e ainda não chegou!

Sinto-me então, numa encruzilhada, o que fazer? Dá-se um impasse, minha orientadora cautelosa e temerosa comigo faz ponderações pertinentes. Suas sugestões de encontro com meus desejos acabaram fazendo com que optasse por elaborar um panorama dos museus comunitários e ecomuseus do Rio de Janeiro surgidos até janeiro de 2010. Faria algumas visitas a campo, mas não mergulharia um tempo maior em nenhum deles. Que alívio, não “perdi” o tema!

Fui conhecer o MUF (Museu de Favela- Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo), que ainda me faltava visitar. O Ecomuseu de Santa Cruz já conhecia e o embrião do futuro Museu de História Sankofa da Rocinha também. Todos me encantando, em construção permanente de suas próprias memórias, mas cada um com uma história, uma grande diversidade cultural, bairros totalmente diferentes e distantes! Um mundo em cada um deles se descortinava aos meus olhos... Como dar conta disso tudo!!

Chega então, o momento da 1ª Qualificação em março de 2010. Apresento um breve painel sobre os museus comunitários e ecomuseus do Rio de Janeiro caracterizando-os. A banca me faz perguntas desafiadoras: *Quanta diversidade cultural, como você vai dar conta em apenas quatro anos, dois já haviam se passado?*” *Por que não ficar com um só? Por que não escolher o Museu da Maré? E a violência da região da Maré, como você vai lidar com isso, como vai entrar no campo?* Saí da Qualificação I com mais dúvidas do que entrei, estava numa encruzilhada, era preciso redefinir o objeto, recortá-lo melhor. A banca sugere que escolha apenas um museu comunitário ou um ecomuseu, pois havia entre eles as duas categorias.

Sendo assim, aquele que além de me encantar, era o primeiro museu de favela criado pela própria comunidade era o Museu da Maré. Por isso, era um símbolo para o Rio de Janeiro, o Brasil e outros lugares do mundo. Mais uma vez, encontros com a orientadora e finalmente, o recorte maior, estudaria o Museu da Maré. Alívio por um lado, objeto de estudo a princípio definido, por outro um enorme trabalho pela frente...

---

5 UPP (Unidade de Polícia Pacificadora)

Porém, fica uma dúvida no “ar”: *E a dita violência da região da Maré? Como você vai encarar?* Comecei a enumerar os prós e os contra de ter que frequentar periodicamente aquela região, ir para lá semanalmente de ônibus, duas vezes na semana ... Primeira ponderação é que o Museu da Maré se situa no Timbau, considerado por alguns “uma área mais nobre da Maré”, melhor urbanizada e localizada. O Museu fica num antigo galpão de fábrica de transportes marítimos numa região da Maré à beira da Avenida Brasil, próximo à Escola Municipal Bahia, numa rua larga e asfaltada, cheia de galpões, ruas de acesso ao próprio Morro do Timbau, restaurantes, bares, birosacas, quiosques, um Quartel do Exército no início da rua, uma igreja próxima (Igreja dos Navegantes) e um Posto de Saúde no final da mesma rua. Numa das pontas da mesma, como já dissemos, a Avenida Brasil, na outra os acessos à Linha Amarela, Linha Vermelha e à Ilha do Fundão.

Outro fator favorável à minha ida para a Maré é de que havia farta condução pela Avenida Brasil e descer na Escola Bahia era tranquilo, andar a pé por ali até o Museu também. Na volta, o desafio da passarela da Avenida Brasil, mas sempre movimentada, cheia de trabalhadores e estudantes no vaivém do cotidiano.

Outro ponto fundamental foi a disponibilidade e acolhimento com que fui recebida desde o início no Museu da Maré, sempre um dos diretores se prontificava a dar uma carona, na ida ou na volta, até à Central, ao centro da cidade, ou mesmo até ao ponto de ônibus na Escola Bahia. Os outros diretores também eram sempre receptivos e muito solícitos. Tudo muito prazeroso. Os funcionários rapidamente me incorporaram ao grupo e quando eu sumia e ainda agora, me falam: “*Sumida, não veio mais. Por que ?*”. Todo esse carinho e acolhimento era um estímulo constante para me sentir bem e querida e reforçar minha opção. Com eles participei de várias atividades no Museu, conversas no pátio, na Loja das Marias Maré, nos Galpões, nas reuniões, entrevistando os pescadores, nas festas como “Maré do Samba”, dentre outros.

Soma-se a isso tudo, ter sido convidada para participar do Grupo de Memória do Projeto DaMARÉ (que será melhor explicado nas linhas abaixo) tendo em vista ser indicada na UERJ por estar estudando a região. *Aí, foi bom demais!!!* Digamos que estava começando a acreditar que havia uma “conjuntura favorável” para eu entrar em campo num mergulho mais profundo como queria de fato!! Vivenciar o campo com um grupo institucionalmente organizado é sempre mais fácil! As idas nos Núcleos de Pesca ficaram bem mais viáveis, os carros da

UERJ e seus motoristas nos levavam, ou um dos diretores do Museu - em geral, o Carlinhos,- nos acompanhava em seu próprio carro, já que também fazia parte do Projeto e conhecia a região. Andar por dentro da Maré de carro ou a pé, em várias de suas comunidades, conhecer todos os presidentes das Associações de Moradores das comunidades da Maré, seus restaurantes, conversar com os habitantes, conhecer o CEASM, o comércio local, igrejas, escolas, as obras da Construtora Queiroz Galvão, passou a ser rotina e sempre estávamos acompanhados por alguém da localidade e que estava também vinculado ao Projeto DaMARÉ<sup>6</sup>. Mergulho total no campo!

Assim sendo, não mais observo só o campo, mas interajo com ele! Éramos um grupo enorme, umas 50 ou 60 pessoas, a comunidade foi contactada e já sabia da existência do Projeto DaMARÉ vinculado à despoluição do Canal do Fundão. Havia várias ramificações de atuação: formação de monitores ambientais, os catadores, os pescadores, as costureiras, os usuários dos cursos oferecidos às comunidades pela UERJ no Museu da Maré e em outros locais. No Grupo de Memória nós éramos apenas cinco pessoas. Com uma delas quase sempre nos encontrávamos na Central e íamos para lá de ônibus, na volta quase sempre uma carona com outro membro do grupo até à Cinelândia. E, assim, o cotidiano que parecia inicialmente tão duro com os deslocamentos e com a possível violência passa a ser tranquilo, oportunizando, inclusive nos tempos dos deslocamentos, boas conversas e trocas maravilhosas de histórias, vivências e afetos!

Um tempo de buscas, encantamento, aprendizados, grandes desafios, contato com realidades duras, pobreza, falta de recursos, desigualdades socioeconômicas, mas também, lutas, resistências, alegrias, sabedorias, estratégias e táticas de vida (Certeau,1994). Com o tempo fui descobrindo o quanto se constrói também de memória da violência estigmatizando muitas vezes comunidades inteiras e inviabilizando projetos e possibilidades. Não somos ingênuos em pensar que não há violência na Maré, é claro que ela está posta, porém nem mais nem menos, como em outros lugares do Rio de Janeiro, do Brasil ou do mundo, principalmente nas megalópoles. A “cidade partida” (Ventura, 2000), que gera o nome do próprio livro, é denominação dada à cidade do Rio de Janeiro por Ventura (id) devido à

---

6 O Projeto DaMARÉ só contratou profissionais da UERJ ou moradores da Maré, tendo em vista ser executado pela Secretaria Estadual de Ambiente e ser a UERJ uma universidade estadual, além do projeto se referir à obra de Despoluição do Canal do Fundão, região do entorno da Maré.

cisão da mesma pela violência na “favela e no asfalto”. Além da violência real, também somos nós que a retroalimentamos na medida em que construímos memórias da violência através de lembranças que nem sempre vivemos, mas que nos foram passadas pelas redes educativas do cotidiano<sup>7</sup> ... Sendo assim, cristalizamos territorialidades engessando-as como violentas etc.

Paralelo a todos esses estudos e acontecimentos, na “academia” já estava envolvida com o GECEC (Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Culturas), coordenado pela professora Vera Maria Candau, participando desde o primeiro período do doutoramento do subgrupo de pesquisa coordenado pelo professor Marcelo Andrade. A participação nesse grupo ampliou minhas leituras sobre os Estudos Culturais e Interculturalidade e possibilitou-me discussões e acessos a autores por mim desconhecidos até então.

Como já abordei anteriormente, quando já estava envolvida no campo de estudo da Maré, sou chamada pela UERJ em convênio com a Secretaria Estadual de Ambiente para coordenar o grupo de Memória do Projeto DaMARÉ<sup>8</sup> devido ao meu trabalho de estudo que envolvia aquela região, precisamente o Museu da Maré. Sem dúvida nenhuma, essa inserção facilitou em muito a minha entrada no campo, nesse mergulho de inspiração etnográfica.

Novos encontros, novos encantamentos ... O Projeto DaMARÉ, como escrevi anteriormente, me permitiu conhecer os três Núcleos de Pesca da Maré e da Ilha do Fundão (que descreverei detalhadamente no capítulo 5), andar por diferentes comunidades da Maré, conhecer mais gente, sair dos muros do próprio Museu da Maré. Passei então, a conhecer melhor - *in loco*- parte da história narrada pelo Museu da Maré.

A história dos pescadores é também ressignificada no Museu da Maré, estão lá as fotos, a palafita, o barquinho, a lanterna, o São Pedro etc. Os pescadores por nós entrevistados foram muitos, as histórias contadas e ouvidas diversas. Cabe lembrar que a Maré está até hoje ligada à pesca. O encontro com essas “águas” se

---

7 É muito forte no Rio de Janeiro, como em outras sociedades complexas, o poder da mídia em colocar a questão da violência em foco indistintamente e discriminando determinados espaços populares e demarcando territorialidades distintas.

8.O Grupo de Memória e História dos Pescadores da Maré vinculado ao Projeto DaMARÉ, nome simplificado do Programa de Educação Ambiental vinculado ao Projeto de Revitalização e Despoluição do Canal do Cunha e do Canal da UFRJ empreendido pela SEA (Secretaria Estadual de Ambiente) em convênio com a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tendo como executora da obra de despoluição do Canal do Fundão a Construtora Queiroz Galvão.

deu literalmente e metaforicamente através das entrevistas feitas e conversas com os pescadores e de um passeio de barco pelo entorno da região da Maré e da Ilha do Fundão me permitindo um mergulho “naquelas águas, naquelas marés” mais profundas e emocionantes! Os pescadores com sua sabedoria, lutas e resistências serão algo inesquecível em minha vida! Como nos disse uma vez nossa coordenadora executiva do Projeto DaMARE *“Nós nunca mais seremos os mesmos depois deste trabalho!”*

Chega então, o momento da 2ª Qualificação em início de setembro de 2011, quando após grande esforço teórico apresentei parte dos dados analisados. A banca acadêmica mais uma vez colabora com inúmeras sugestões, me auxiliando na busca e aprimoramento de meu instrumento teórico e prático. Particularmente a presença do professor Mário Chagas nessa etapa, museólogo conceituado e inspirador dos museus comunitários e ecomuseus no Brasil, engrandece em muito meu trabalho teórico e empírico através não só de sugestões como de materiais cedidos para conhecimento e consulta.

Por outro lado, no campo acadêmico a escolha por esse objeto de estudo logo me fez deparar com a lacuna sobre o tema, há uma enorme falta de pesquisas sobre as relações entre museus comunitários, ecomuseus e educação. Com certeza há trabalhos extremamente relevantes na área da Nova Museologia, relacionando memória, história e protagonismo comunitário. Porém, arrolados à educação existe uma carência quase que absoluta.

Portanto, esta pesquisa nos coloca de imediato duas interrogações centrais, são elas:

1. *Como e para que as comunidades populares constroem museus comunitários e ecomuseus?*
2. *A construção dos museus comunitários pode fortalecer identidades nas comunidades locais nas quais se inserem?*

Porém, nossos estudos e essas questões nos traziam inúmeras outras interrogações, são elas:

3. *O que é um museu comunitário? Museu comunitário e ecomuseu são sinônimos?*
4. *Como e por que surgem os museus comunitários no Rio de Janeiro? Em que contexto?*
5. *Que conceito(s) de identidade(s) eles representam?*

6. *Será que esses museus representam de fato a(s) identidade(s) presentes naquela(s) comunidade(s), ou apenas a identidade dominante no local?*
7. *A(s) comunidade(s) se sentem representadas nesses museus?*
8. *Como foram construídos? A comunidade participou da seleção dos objetos/ fatos históricos que desejam lembrar ou esquecer?*
9. *Quais são os “silêncios” da história daquelas comunidades não representados naqueles museus?*
10. *Possuem preocupação com programa educativo auxiliando no fortalecimento identitário?*
11. *Qual o caminho educacional escolhido pelos museus para a exposição museográfica?*
12. *Como é sua prática pedagógica museal?*
13. *Esse tipo de prática educativa facilita a democratização do acervo e o fortalecimento de identidades de resistência?*

À medida que fomos estudando e entrando no campo várias dessas questões foram sendo buriladas e vão sendo respondidas ao longo de toda esta pesquisa.

Assim sendo, como uma das primeiras iniciativas de pesquisa, era preciso conhecer a história do surgimento dos museus comunitários e ecomuseus especialmente no Rio de Janeiro. Eles emergem na cidade a partir de 1983 com o Ecomuseu de Santa Cruz, porém é a partir de 2006 com a criação do Museu da Maré que passam a ter maior visibilidade para a sociedade em geral, tendo em vista o contexto social e político em que surgem, como será explicado posteriormente.

Sendo assim, minha investigação foi trilhada no caminho de uma abordagem qualitativa, já que pretendia identificar e analisar a dimensão educativa do Museu da Maré, entender como é construída a ressignificação da história da Maré e da memória local para possíveis fortalecimentos identitários. Escolhi para estudo de caso o Museu da Maré pelos seguintes motivos: foi o primeiro museu de favela do Brasil criado pela comunidade local (como já foi afirmado anteriormente); tem expressão local, regional e nacional; é considerado como um ícone brasileiro dos museus comunitários e ecomuseus; fica na cidade do Rio de Janeiro; e apresenta trabalho estruturado passível de investigação no presente momento.

A partir das questões apresentadas anteriormente, dos estudos e da exploração do campo, os objetivos construídos em minha pesquisa foram os seguintes:

1. Contextualizar o surgimento de museus comunitários e ecomuseus a partir dos anos 80, enfatizando principalmente o *boom* ocorrido a partir de 2006, mapeando-os na cidade do Rio de Janeiro até janeiro de 2010;
2. compreender como e para que as comunidades populares criam museus comunitários e ecomuseus;
3. conceituar, diferenciar e relacionar museu comunitário e ecomuseu;
4. historicizar a história da Maré e contextualizar a criação do Museu da Maré;
5. analisar a relação entre um museu comunitário - o Museu da Maré - e as identidades locais, particularmente dos pescadores da Maré, dos funcionários e dos visitantes/ usuários do Museu;
6. identificar e analisar a dimensão educativa do Museu da Maré e seu papel no possível fortalecimento identitário através da construção da história e das memórias locais.

Temos consciência que não se constrói identidades apenas visitando museus ou permitindo uma maior democratização dos acessos aos “lugares de memória”, porém, com certeza, acreditamos que estas são possibilidades de fortalecimento identitário de culturas subalternizadas.

O protagonismo das comunidades populares nos museus comunitários permite que estes se façam e se transformem ao longo de sua própria história e do movimento social no qual estão envolvidos. Para Chagas (2008), é importante não apenas democratizar o acesso aos museus, mas democratizar o próprio museu, a própria concepção de museu, exemplificado pelo Museu da Maré, que foi fundado por um grupo de moradores ou ex-moradores da região da Maré.

Partilhar essas noções de pertencimento de uma comunidade, de um grupo social, são fundamentais na construção de uma cidadania ativa, na reinvenção de sociedades mais democráticas, como nos afirma Candau (2002) no trecho abaixo:

“Contudo, a busca da cidadania nos países da periferia esbarra na falta de cumprimento de direitos universais básicos, embora muitas vezes suas populações tenham esses direitos consagrados em lei. Além disso, num

mundo em constante transformação podem surgir novos direitos, fruto de novas lutas e reivindicações. E é exatamente esse movimento que caracteriza a cidadania.” (id, p. 37)

Acreditamos que a memória é sempre uma construção, onde a lembrança é parte constitutiva da nossa identidade, do nosso sentimento de pertencimento.

O conhecimento histórico traz como vantagem a elaboração de arquiteturas de sentido que excedem os próprios recursos da memória coletiva: articulação entre acontecimentos, estruturas e conjunturas etc. A história pode ampliar, completar e até refutar, o testemunho da memória sobre o passado, mas não pode aboli-lo.

Nessa tensão entre história e memória, como nos coloca Ricoeur (2007), em meu trabalho de campo tive o “privilegio” da utilização da História, que estende a memória coletiva além de toda lembrança afetiva, criticando e questionando a memória de uma comunidade, quando esta pode se fechar sobre seus sofrimentos a ponto de se tornar cega e surda aos sofrimentos de outras comunidades (id).

Sabemos que cada vez mais novos instrumentos e/ ou aparelhos são usados na produção da memória: rádio, TVs, arquivos orais e audiovisuais. Nas sociedades contemporâneas constatamos uma luta pela democratização da memória social e isto passou a ser fator de consciência coletiva de vários grupos.

Com objeto definido e na *bagagem a teoria e metodologia adequada* (Duarte, 2002) chega o momento do trabalho de campo, que pode ser dividido em blocos básicos que ocorreram simultaneamente: observações e entrevistas e análise dos Livros de Assinaturas e de Depoimentos dos visitantes/ usuários. Assim sendo, trabalhamos com uma metodologia qualitativa através de observações de campo, entrevistas e análise documental.

Passei um tempo razoável trabalhando e observando a frequência ao Museu da Maré desde agosto de 2010 a abril de 2011. Essas observações envolveram acompanhar algumas visitas ao Museu (tanto de escola, pescadores, ou público em geral), além de outras atividades que lá ocorrem, como:

1. observação das crianças brincando no pátio do Museu da Maré;
2. observação no pátio da participação de crianças no Programa PET – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil;
3. conversas informais com as costureiras – loja das Marias Maré;

4. reuniões da quais participei com os pescadores através do Grupo de Memória do Museu da Maré e com o Projeto DaMARÉ da Secretaria Estadual de Ambiente/ UERJ;
5. observação e participação em atividades sociais/culturais lá promovidas - como Maré do Samba, apresentações de teatro e danças, palestras, dentre outras;
6. participação em duas rodas de “Chá de memória” com moradores locais e dirigentes do Museu da Maré.

Sobre meu trabalho de campo de inspiração etnográfica e essas observações participantes, Dauster (2003) nos afirma que é importante nas pesquisas de Educação estarmos alertas para:

“(...)a apropriação de atitudes emblemáticas do campo antropológico pelos profissionais da educação é mais que pertinente, pois indispensável, e possibilita a construção de um saber híbrido ou de fronteira, além de um olhar mais complexo sobre os fenômenos educacionais.

Quais seriam estas atitudes? Refiro-me à produção de um conhecimento dos fenômenos educacionais a partir de observação participante e do “olhar” relativizador.

Sem querer transformar o educador em antropólogo, trata-se de convidar o educador a mergulhar em um outro sistema de referências e inspirar-se na prática antropológica.”(id, p. 13)

Cabe-nos descrever sucintamente essas observações participantes. Ao assistir as crianças brincando no pátio do Museu, quer as do programa PET, ou outras, chamava-me atenção a alegria e principalmente, a informalidade das mesmas. Pareciam estar muito à vontade nas brincadeiras no pátio do Museu correndo de um lado ao outro, sem parar, eram muito familiarizadas com o Museu.

A loja das Marias Maré vendem roupas e artesanato feito por costureiras da Maré. Essas simpáticas senhoras ou jovens fazem artesanato em papel machê, papel jornal, tecidos em geral, são um grupo pequeno por volta de umas dez pessoas. Fazem roupas e objetos como *lembranças* com o logomarca do Museu da Maré, imagens antigas de palafitas no meio dos alagados e precárias pontes de madeira, dentre outras bem sugestivas e emblemáticas. São blusas, bolsas, estojos, sempre escrito em algum canto *Museu da Maré*. Percebemos o quanto esses objetos vendidos valorizam e reforçam identidades culturais locais. Le Goff (1999) nos afirma o quanto o comércio desses *souvenirs* ganha impulso desde o

século XIX, são novos elementos de suporte nas comemorações, como moedas, medalhas, selos de correio, dentre outros. No caso do Museu da Maré, a venda de blusas com imagens antigas das palafitas na região são muito comuns.

Meu caminho metodológico envolveu também a opção por utilizar entrevistas semiestruturadas, acompanhadas de um roteiro prévio (ver Anexo). As entrevistas podem ser divididas em dois blocos: com os pescadores da Maré (sendo que um deles ajudou na criação do Museu da Maré) e da região do entorno do Canal do Fundão; e um segundo bloco de entrevistas que foram feitas com os diretores, funcionários do Museu da Maré e um morador antigo da região. Duarte (2002) nos afirma, sobre as entrevistas semiestruturadas e a postura do pesquisador no campo, o seguinte:

“O recurso a entrevistas semiestruturadas como material empírico privilegiado na pesquisa constitui uma opção teórico-metodológica que está no centro de vários debates entre pesquisadores das ciências sociais. Em geral, a maior parte das discussões trata de problemas ligados à postura adotada pelo pesquisador em situações de contato, ao seu grau de familiaridade com o referencial teórico-metodológico adotado e, sobretudo, à leitura, interpretação e análise do material recolhido (construído) no trabalho de campo.

Para Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. A autora considera que, por essa razão, existe uma distinção nítida entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista movidos por interesses diferentes.” (id, p. 147)

Por isso, era tão importante estarmos alerta no campo, pois se por um lado meu *apaixonamento* pelo objeto de estudo me impulsionava, por outro corria o risco de me perder e não tecer uma reflexão crítica sobre meu trabalho. Precisava dialogar com os sujeitos entrevistados, retirando do material de coleta das entrevistas apenas o que fosse necessário à minha tese fornecendo-lhes sentido e relacionando nossas análises e conclusões ao objeto escolhido e às questões /problemas levantados, como nos alerta Duarte (id). Esclarece-nos também sobre as dificuldades comuns ao uso da metodologia qualitativa, especialmente abordando aquelas inerentes aos trabalhos de campo, como delimitação do universo de pesquisa, elaboração de roteiros para entrevistas etc.

Um dos motivos de escolha do grupo de entrevistados dos pescadores foi, primeiramente, o fato da Maré ter se desenvolvido como um lugarejo também ligado à pesca, já que vai se expandindo à beira da Baía de Guanabara. Em segundo lugar, é importante ter presente que o Museu da Maré tem sua primeira parte dedicada à pesca narrando a história do lugar.

Foram feitas 12 entrevistas com pescadores da Maré, cujas memórias se constituem como parte “viva” do Museu da Maré.<sup>9</sup> Visitei três núcleos de pesca, são eles: Núcleos de Pesca da Vila do Pinheiro e do Parque União - esses dois na Maré- e da Vila Residencial da UFRJ, na Ilha do Fundão.

Os pescadores entrevistados foram escolhidos dentro dos seguintes critérios: primeiro, deveriam pertencer aos três Núcleos de Pesca do entorno da Maré, núcleos esses encampados pelo Projeto DaMARE, o que facilitaria em muito a minha entrada no campo e o suporte material para isso; em segundo lugar, era importante equilibrar o número de pescadores por núcleo de pesca, uma média de 3 a 4 por cada grupo de pesca; em terceiro lugar só entrevistei aqueles que assim o desejassem, pois não adiantava entrevistar “à força”, a conversa não aconteceria como desejava; como último quesito, perguntei às lideranças dos núcleos pesqueiros e aos diretores do Museu da Maré, quais eram alguns dos pescadores emblemáticos na região, conhecidos, respeitados pela população local. Também era importante mesclar esses nomes com os de jovens pescadores que fossem receptivos à minha abordagem nas visitas aos Núcleos Pesqueiros.

Alguns pescadores foram entrevistados nos Núcleos de Pesca, como os três da Vila Residencial da UFRJ, assim como todos os do Parque União. Isto porque eram regiões mais distantes do Museu da Maré e por isso, mais difíceis para deslocamento dos pescadores. No caso do Parque União, cabe a ressalva que vários deles me disseram que também não iam ao Museu pelo fato dele ser localizado em região dominada por grupo de traficantes rivais à comunidade em que viviam, daí temerem não conseguir entrar lá. Em várias ocasiões os funcionários do Museu negaram esse risco e afirmaram aos próprios pescadores que nada lhes aconteceria

---

<sup>9</sup> Como já expus anteriormente essas 12 entrevistas são resultado do trabalho de pesquisa do Grupo de Memória e História dos Pescadores da Maré vinculado ao Projeto DaMARE, nome simplificado do Projeto de Revitalização e Despoluição do Canal do Cunha e do Canal da UFRJ empreendido pela SEA (Secretaria Estadual de Ambiente) em convênio com a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), tendo como executora da obra a Construtora Queiroz Galvão.

se fossem lá, mas o fato é que nenhum deles foi, pelo menos enquanto estive em campo. No entanto, os pescadores da Vila do Pinheiro foram todos entrevistados dentro do Museu da Maré porque essa colônia fica mais próxima, está sob o mesmo domínio de comando de tráfico da região do Museu e também, não ser recomendada para que nós a frequentássemos devido à violência nas redondezas.

As entrevistas com os pescadores foram todas gravadas, filmadas e fotografadas por profissionais especializados tendo em vista que fizeram parte do trabalho do Grupo de Memória do Projeto DaMARÉ, que elaborou um DVD sobre os pescadores e editará um livro sobre os mesmos. Já as entrevistas do segundo bloco que executei foram apenas gravadas e fotografadas por mim. Abordaremos mais sobre isso no quinto capítulo que trata da análise dos dados dos pescadores.

Todas as entrevistas foram feitas num clima muito agradável e descontraído. As dos pescadores foram precedidas de uma grande reunião em cada Núcleo de Pesca com todos os pescadores presentes e a explicação pela coordenação geral de toda a atuação do Projeto DaMARÉ com a presença de todo o Grupo de Memória.

Agendamos com os pescadores todas as entrevistas e estas transcorreram de forma muito agradável e generosa. Meu encantamento com as histórias narradas sobre a pesca e os “causos” e a prosa dos pescadores foi inesquecível e encantador! Também, aquelas feitas com o pessoal do Museu não ficaram atrás em paixão e envolvimento, cada vez que me respondiam aspectos diferenciados para mim, ou que iam “cutucar” minhas indagações, vibrava fazendo conexões teóricas, políticas e existenciais.

O segundo bloco de entrevistas foi composto pelos funcionários e diretores do Museu da Maré. Os dirigentes foram escolhidos tendo em vista terem sido os fundadores do Museu e do CEASM, ao qual ele ainda está relacionado diretamente, ou seja, foram os mentores e ainda são os dirigentes do Museu. Os dois funcionários foram escolhidos por desempenharem funções importantes na instituição, principalmente por serem atividades ligadas à dimensão educativa do Museu. Um deles foi responsável durante um bom tempo pelo preparo dos guias da exposição permanente e das temporárias, era do grupo de Contadores de histórias do Museu e representava peças dentro do mesmo para os visitantes e a outra pessoa por ser, também, do grupo dos Contadores de histórias, da biblioteca, da secretaria e pertencer ao Grupo de Memória do Museu e do Projeto DaMARÉ.

Além deles, entrevistamos um antigo morador da região, ex-ativista político na comunidade e um dos colaboradores na criação do Museu da Maré.

Cabe lembrar que nosso trabalho de campo das entrevistas foi finalizado quando começamos a perceber a possibilidade de estabelecer padrões simbólicos no universo estudado, como nos afirma Duarte (id) no trecho abaixo:

“(…) se avaliou que com o material obtido seria possível: 1) identificar padrões simbólicos e práticas empregadas no universo estudado; (...) identificar valores, concepções, ideias, referenciais simbólicos que organizam as relações no interior desse meio profissional, buscando compreender seus códigos (...)” (id, p. 144)

As entrevistas com os diretores e funcionários do Museu foram feitas de forma bastante descontraída dentro do espaço do próprio Museu: algumas no pátio, ao ar livre, sob a brisa da Maré; outras na sala da biblioteca infantil e apenas a de um dos diretores, na sua instituição de trabalho no centro da cidade, devido a problemas de agenda meu e dele. O morador antigo foi por mim entrevistado ao final de um dos “Chá de memória” que participei. Algumas foram de 30 a 40 minutos, outras de duas horas. O tempo de duração foi dependendo da fala do próprio entrevistado, tudo para nós era importante desde a voz, a desenvoltura, o lugar, as informações dadas pelo entrevistado, as histórias narradas etc. A citação abaixo de Duarte (id) nos coloca exatamente isso:

“As situações nas quais se verificam os contatos entre pesquisador e sujeitos da pesquisa configuram-se como parte integrante do material de análise. Registrar o modo como são estabelecidos esses contatos, a forma como o entrevistador é recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, o local em que é concedido (casa, escritório, espaço público etc.), a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz etc, tudo fornece elementos significativos para a leitura/interpretação posterior daquele depoimento, bem como para a compreensão do universo investigado.” (id, p. 145)

Também fez parte da coleta de dados de campo, a análise dos Livros institucionais do Museu, o Livro de Assinaturas e o Livro de Depoimentos dos visitantes.

O resgate da história oral e a construção da(s) memória(s) através das lembranças dos pescadores da Maré, dos funcionários e diretores do Museu, além dos depoimentos dos Livros institucionais é o que procurei delinear articulando a metodologia da história oral à teoria privilegiada em minha pesquisa.

Com certeza o grupo de maior impacto das entrevistas foi o dos pescadores, talvez até mesmo pelo desconhecimento do campo que eles me apontavam. Na verdade, até mesmo de pesca pouco entendo, só pesquei em “pesque-pague”, nunca havia visitado uma colônia de pesca, muito menos tinha conhecimento técnico sobre a “arte de pescar”. O universo cultural dos pescadores é rico e mitológico, cheio de metáforas e imagens!

Beatriz Sarlo (2007) e Paul Ricoeur (2007) consideram história e memória dois campos em conflito, pois nem sempre a história acredita na memória, assim como a memória duvida da história, quando esta não coloca no centro os direitos da lembrança. Esta tensão foi vivida ininterruptamente em minha pesquisa, ela é visceral nesse tipo de trabalho.

Sarlo (id) nos fala sobre a reconstituição da subjetividade, da razão do sujeito a partir dos anos 60 e 70. Afirma que atualmente vivemos uma época de forte subjetividade.

“Restaurou-se a *razão do sujeito*, que foi, há décadas, mera “ideologia” ou “falsa consciência”, isto é, discurso que encobria esse depósito escuro de impulsos ou mandatos que o sujeito necessariamente ignorava. Por conseguinte, a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada.” (Sarlo, 2007, p. 19)

Sendo assim, como afirma o trecho acima de Sarlo (id), restaura-se a credibilidade na história oral e no testemunho. Com certeza, nos museus comunitários se tem a predominância do testemunho e da história oral de determinadas comunidades.

Ainda segundo Sarlo (id), o testemunho é importante, há décadas atrás o *eu* levantava suspeitas enormes, no entanto atualmente pode-se usar o testemunho em primeira pessoa, mas exercitando o método crítico.

Na pós- modernidade a subjetividade adquire especial relevância e segundo Sarlo (id, p. 39) o direito à palavra é reverenciado, fomenta-se uma ideologia da “cura” identitária por meio da memória social ou pessoal. De certa forma, os museus comunitários tentam fazer essa “cura” identitária através do empoderamento de identidades em comunidades populares e excluídas do sistema socioeconômico vigente.

Ao estudarmos os discursos identitários nos deparamos com um problema epistemológico sobre a verdade dos mesmos. Precisamos analisar o que garante a memória e a primeira pessoa como captação de um sentido de experiência social. Na pós-modernidade se acredita fortemente em histórias com interpretações e “verdades” plurais.

A memória é relacional e afetiva, já a história costuma ser mais distante e inteligível segundo Sarlo (id). Porém, nas últimas décadas assistimos a um crescimento da micro-história e das histórias orais mostrando que a história se aproximou da memória.

Na estruturação de nossa tese optamos pela configuração da divisão em introdução e mais oito capítulos. No primeiro capítulo (*De quais memória(s) e identidade(s) estamos falando?*) apresento uma discussão teórica sobre diversos conceitos de memória - privilegiando como teóricos: Le Goff, Ricoeur e Sarlo. Caracterizo e conceituo memória e analiso a permanente tensão entre história e memória. Privilegio as reflexões sobre lembranças, relatos orais e testemunhos. No âmbito de identidade enfoco as discussões conceituais trazidas por Candau, Castells, Cuche, Hall e Silva. Relaciono a construção dos conceitos de identidade e diferença, além de contextualizar o surgimento do multiculturalismo e nele das temáticas sobre identidade(s).

No segundo capítulo (*Na “Maré” da Nova Museologia*) apresento um breve histórico sobre os museus, focalizando particularmente os museus comunitários. Além disso, conceituo e diferencio museu comunitário de ecomuseu, reflito para que e por que surgem esses museus e elaboro um panorama geral sobre os museus comunitários e ecomuseus na cidade do Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo (*Onde fica a educação nisso tudo?*) conceituo e diferencio educação formal, não formal e informal. Contextualizo e identifico os fatores do desenvolvimento da educação não formal. Conceituo e caracterizo “os lugares de memória” como espaços que também educam, sendo potenciais transformadores de identidades.

No quarto capítulo (*A história da Maré*) contextualizo a região da Maré desde os tempos coloniais até os dias de hoje, enfocando a Maré como uma região de colônia de pesca. Também caracterizo brevemente as comunidades que formam o mosaico do bairro da Maré. Além disso, descrevo o surgimento do Museu da Maré, caracterizando-o e analisando suas formas de atuação na e para a comunidade.

No quinto capítulo (*Que “peixes” pescamos no Museu da Maré?*) inicio a análise sobre os dados recolhidos no trabalho de campo. Nele apresento os pescadores entrevistados, analiso as memórias e lembranças desses pescadores. Também relaciono memória(s) e identidade(s) na construção das redes educativas do cotidiano dos mesmos.

No sexto capítulo (*“Os narradores da Maré”*) identifico os “narradores” do Museu da Maré, os funcionários e diretores entrevistados, reflito sobre o que eles querem narrar. Analiso os dados encontrados nas entrevistas segundo algumas categorias relacionadas aos conceitos, como: favela, memória(s), história, identidade(s) e espaços educativos não formais.

No sétimo capítulo (*Das presenças e das ausências nos Livros de Assinaturas e Depoimentos, ou a hora e a vez das “memórias subterrâneas”...*) apresento os gráficos feitos sobre os visitantes do Museu da Maré nos anos de 2009 e 2010 através do estudo e análise dos seus Livros institucionais. Priorizo os dados sobre gênero, idade, localidade/ origem e instituição a que está ligado o visitante ou usuário, registrado no Livro dos Visitantes. Na análise do Livro de Depoimentos priorizo alguns eixos temáticos, como a maioria daqueles abordados no capítulo anterior (memória(s), história, espaços educativos não formais e identidade(s)). Também analiso brevemente alguns depoimentos feitos por estrangeiros que nos “saltaram aos olhos”.

No oitavo e último capítulo (*Estamos quase chegando, mas a que futuro queremos chegar?*) concluo o trabalho retomando as indagações iniciais à luz da teoria escolhida e dos dados e análises do trabalho de campo sobre a dimensão educativa do Museu da Maré e as possibilidades de incidência na transformação de subjetividades e produção de identidades. Também estabeleço as probabilidades de futuro dos museus comunitários, devido às suas relações com os movimentos sociais e a importância da sintonia dos mesmos com o protagonismo comunitário.

Por fim, esta tese teve o intuito de estabelecer um estudo e discussão sobre caminhos ainda pouco trilhados estreitando a fronteira que ainda separa a Memória da Educação. Portanto, tento aproximar a discussão dos “lugares de memória” com a dos espaços educativos não formais que são seu nicho, também, por excelência. Porém, sabemos que todas essas escolhas também passaram por projetos e opções pessoais aqui expostas, vivenciadas e ampliadas através de estudos, realizações e da intensa vivência do trabalho de campo.